



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário
HEKADEMEIA

09

RAZÕES DE ESCREVER - 1

Vol. 2 - No. 7 – Joinville, julho de 2017

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

Hekademeia Vol. 2, No. 7

SUMÁRIO

Hilton Gorresen	5
Else Sant'Anna Brum	12
George Postai de Souza	16
Carlos Adauto Vieira	21
Wilson Gelbcke	25
Milton Maciel	30

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este sétimo número de Hekademeia apresenta trabalhos de nossos acadêmicos que se destacam com textos de literatura Infantojuvenil. O número um publicou textos dos nossos acadêmicos cronistas. E o número dois, dos nossos acadêmicos contistas. O três, dos romancistas; o quatro dos historiadores; o cinco, das escritoras, o seis, dos juristas.

Nos número seguinte, teremos a vez dos meninos e meninas que participam atualmente do Concurso Literário “Carlos Aduato Vieira”, da AJL, para estudantes de ensino fundamental e médio.

Nas páginas mensais de HEKADEMEIA poderão aparecer, em igualdade de condições, tanto textos dos nossos acadêmicos contemporâneos, como dos acadêmicos já falecidos e também de nossos patronos.

Uma das missões especiais deste Suplemento é justamente trazer de volta à vida e tornar outra vez disponíveis as produções literárias das dezenas de brilhantes intelectuais que nos precederam na história. Para exemplificar, um de nossos patronos teve mais de 100 livros publicados em vida. Este encontro especial do presente com o passado reviverá como nunca o conceito de IMORTALIDADE de nossas acadêmicas e acadêmicos.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485, onde ocupa o terceiro andar.

Aí se desenrolam as reuniões, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL, as sessões solenes de posse e eventos maiores.

HILTON GÖRRESEN



*O acadêmico **Hilton Görresen** é natural de São Francisco do Sul (SC), bisneto de imigrante norueguês aqui chegado no século 19.*

*Começou a publicar seus textos na década de 1960, no jornal *Correio do Povo*, de Jaraguá do Sul (SC). Entre as décadas de 1970 e 1980, após concluir o curso de Letras, em Joinville, iniciou colaboração semanal no jornal “A Notícia”, publicando crônicas, num estilo leve e humorístico, e artigos sobre comunicação.*

Terminando curso de especialização em Língua Portuguesa, em 1990, passou também a elaborar textos sobre linguagem, alguns deles reunidos mais tarde no livreto “Mostrando a língua”, de 2004.

*Há cerca de 10 anos, vem publicando suas crônicas no jornal *Notícias do Dia*, também de Joinville, textos estes reunidos nos livros “Quando minha avó tirava a roupa”, “Histórias para ler no banheiro” e “Elefante branco”.*

Publicou também um livro de memórias, “São Chico Velho de Guerra” e o paradidático “O que aprendi sobre redação – e posso lhe ensinar”.

É membro também da Associação das Letras e da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul – ALASFS.

Foi dele a ideia e o desafio de discorrermos sobre nossas RAZÕES DE ESCREVER.

COMO E POR QUE COMECEI A ESCREVER

Tudo começou com a leitura (ninguém se torna escritor sem ter sido primeiro um leitor). Aprendi a ler muito cedo, por conta própria, revirando a cartilha deixada por uma empregada. Quando iniciei o curso primário já lia bem. Tirava de letra as palavras ditadas pela irmã nas aulas de linguagem no Colégio Stela Matutina. Lembro ainda, daquela época, os livros de história que ganhei em aniversários e na primeira comunhão. O primeiro livro que talvez tenha conseguido ler inteiro tinha o título “A cobrinha encantada”, presente de minha madrinha. Encantei-me com o menino Jorginho, filho de um chefe de ciganos acusado pelo desaparecimento da princesinha. O menino foi atrás e conseguiu inocentar o pai e livrá-lo da forca. Depois vieram “As viagens de Gulliver” e uma edição com as histórias de Bertoldo, um campônio tão feio quanto esperto, na corte dos Lombardos. Mais recentemente, soube que Bertoldo é um personagem consagrado na Itália.

Também desde muito jovem me interessei pelos livros deixados por meu avô – que não cheguei a conhecer – a maioria antologias de autores nacionais hoje esquecidos, mas que abundavam em sua época. Lembro-me da coleção Brasiliense, ou Brasileira, de capas azuis, com textos de Gonçalves Dias e o discurso de Rui Barbosa no túmulo de Machado de Assis, puro parnasianismo que me encantou.

Devo acrescentar nisso, e muito especialmente, os gibis. A gente não só lia, mas vivia, as aventuras dos heróis do faroeste. Qual o garoto que na época não possuía um revólver de brinquedo para as brincadeiras de “camone”? Encontrava-se

facilmente uma coleção denominada “Edição Maravilhosa”, que quadrinizava obras literárias, a exemplo de “Ivanhoé” e “Os Três Mosqueteiros”. Era meu gibi preferido, e assim entrei em contato com vários autores, principalmente romancistas do século 19. Em minha opinião, as histórias em quadrinhos de editoras credenciadas são aulas de bom português. Na adolescência, apaixonei-me pelos livrinhos de aventuras do “Coioote”, um herói californiano, imitação do Zorro. Li-os bastante, pois tinha um tio que colecionava esse livro.

Lia também as revistas de mistério “X-9” e “Meia Noite” compradas por meu pai e cheguei a ensaiar ingenuamente um conto de detetive. No ginásio, minhas matérias preferidas eram História Geral e Português, nessa ordem.

Na década de 1960, acompanhava no jornal as crônicas de Charles D’Olinger, com cujo estilo me identificava, e as de Henrique Pongetti, na revista Manchete. Aí pelos 17 anos lancei-me no estudo de português a fim de prestar concurso público, oportunidade em que pude adquirir uma boa base gramatical.

Até aí a escrita apenas se encontrava latente, em estado potencial. Para mim, escrever não é nenhum dom especial vindo do Alto, mas uma tendência pessoal, como a tendência para o esporte ou para a música. O escritor pode bater uma bolinha, mas dificilmente seria convocado para a seleção, assim como o jogador dificilmente escreveria um livro.

Devo dizer que, após aprovado em concurso, fui requisitado para dar aulas particulares. Com o parco dinheiro assim recebido, pude incrementar minhas leituras, com as poucas obras que encontrei numa recente livraria em São Chico, mas

que felizmente eram de autores importantes, como Poe e Shakespeare.

Quando comecei a trabalhar, em Jaraguá do Sul, na metade da década de 1960, os colegas de serviço criaram um informativo a estêncil e achei que poderia colaborar com um texto. Devido ao clima de gozação que imperava em nossos “cafezinhos” e à certa exigência do estilo, só poderia sair um texto humorístico; todos se admiraram que aquele rapaz meio introvertido, de ascendência nórdica, pudesse fazer um texto de tal quilate (para a idade e para a época).

Depois de mais uma ou duas edições do informativo, sugeriram que enviasse um texto para o semanário local, o Correio do Povo. Admiti a ideia e preparei um texto baseado num fato acontecido com personagem da cidade. Não esperava que fizesse tanto sucesso, todos comentavam, queriam saber quem era o personagem (nossos personagens são um pouco de nós mesmos); com isso inaugurei provavelmente a função de cronista naquele semanário. Mas por pouco tempo, logo fui transferido do local.

Por isso, quando comentam que meus textos lembram os do Veríssimo, posso falar: os dele é que lembram os meus, pois comecei bem antes a publicar nesse estilo.

Alguns anos atrás, quando o Sr. Eugênio Schmökkel, proprietário do jornal Correio do Povo, ainda vivia, estive em Jaraguá do Sul e consegui, de seus arquivos, cópia de meu primeiro texto, equivalente à moeda número um do tio Patinhas, denominado “O estranho amigo”.

Em 1968 iniciei o curso de Letras na recém-implantada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Joinville. Meu objetivo era cursar jornalismo, e para isso ensaiei um pedido de transferência para São Paulo. Às vezes fico pensando que rumos tomaria minha vida se isso fosse concretizado.

Nos exercícios de literatura, meus textos eram elogiados pelo Professor Celestino Sachet, que chegou a sugerir que os publicasse nos jornais. Enviei um texto ao jornal, não lembro se A Notícia ou o Jornal de Joinville, e foi publicado. Passei a enviar textos esporadicamente. Ao mesmo tempo, colaborava no informativo “Acadêmico”, editado por Alcides Buss. Num dos números do informativo, apareceu um texto de humor muito apreciado pelos leitores, que o atribuíam a Millôr Fernandes. Quando o peguei para ler, coisa estranha, as palavras me vinham à mente antes de lê-las. Parecia que estava redigindo o texto naquela hora. Só aí descobri que se tratava de um dos textos que publicara no jornal em Jaraguá, uns dez anos antes.

Foi na faculdade que vim a me interessar pelas ciências da linguagem, como a Semântica e a Estilística, estudos que foram intensificados mais tarde num curso de Especialização em Língua Portuguesa. Foi nessa ocasião, ano de 1969, que fui convidado pela professora Iraci Schmidlin a participar das reuniões que visavam implantar a Academia Joinvilense de Letras.

Acompanhei o processo de instalação, mas não poderia, na época, tornar-me acadêmico, por não ter obra publicada e não residir ainda em Joinville (e possivelmente por ser muito jovem). Em 1972, quando do preenchimento das vagas na instalada academia, já morando em Joinville, recebi convite do presidente,

Adolfo B. Schneider, para fazer parte do quadro acadêmico. No “renascimento” da Academia (2013), escolhi como patrono o brilhante conterrâneo Carlos da Costa Pereira.

Pelo final da década de 1970 já estava compartilhando uma página semanal em A Notícia com Carlos Aduato e Fernando Sabino e participando das últimas edições da revista Cordão. Foi em 1982 que estreei em livro, na antologia “Feira de Contos, ao lado de Davi Gonçalves, Germano Jacobs, Ives Paz e Luís Carlos Amorim, livro que teve uma continuação dez anos mais tarde, Outros Contos, de 1992. Foram épocas em que era difícil publicar livros em Joinville, cada lançamento era um acontecimento memorável.

Participei com textos sobre linguagem e comunicação nas primeiras edições do Anexo e posteriormente, além das crônicas, mantive a coluna “Mostrando a língua”, numa época de grande fertilidade. Nos anos 2000 é que iniciei a publicação dos até agora 8 livros, com a antologia de crônicas “Com humor se paga”. Consciente de que ainda tenho muito a aprender, continuo tentando me aprimorar, com estudos e leituras.

ELSE SANT'ANNA BRUM



Else Sant'Anna Brum nasceu em Joinville no dia 15 de agosto de 1936. Trabalhou como bancária durante 15 anos, mas finalmente seguiu sua vocação maior: o magistério, onde atuou durante 25 anos como professora alfabetizadora, e como diretora de escola. Já aposentava trabalhou como professora de Música.

Formou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na FURJ-Joinville, atualmente chamada Univille. Também é pós graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Vencendo em 1986 um concurso de histórias para a infância promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, teve publicado seu primeiro livro "Miguelito Pirulito". Depois publicou "Cri-Cró" (1992) e "Retetê" (1994) e "Serelepe" (1996). De 2006 até 2012, publicou mensalmente histórias no Jornal "A Notícia. Tem também um livro de poemas, "Hóspedes do Coração".

Tomou posse na Academia Joinvilense de Letras em março de 2016.

COMO E POR QUE ME TORNEI ESCRITORA

Nasci numa família de professores. Meu pai, em certa época de sua vida, também foi professor. Minhas irmãs e duas professoras que hospedávamos em nossa casa, reuniam-se à noite na grande mesa da sala de jantar para fazerem seus planos de aula. Eunice era alfabetizadora. Preparava fichas com sílabas. Eu ficava junto. Foi fácil aprender a ler aos *cinco anos*.

Em 1942, com seis anos, entrei na escola onde minha irmã Ada era professora. Ela incentivava muito a leitura. Criou o jornal *O Labor*, escrito em folhas de papel almaço. Eu era uma das escritoras. Usávamos caneta com a pena molhada em tinteiro. Minhas redações sempre iam para o jornal.

Mais tarde no curso Normal Regional do Grupo Escolar Conselheiro Mafra, tinha minhas histórias e redações expostas no mural.

Quando iniciei no Magistério fui alfabetizadora por nove anos. Os alunos, com idade entre seis e sete anos, voltavam do recreio onde corriam, jogavam bola, peteca, pulavam corda, vinham alvoroçados para a sala de aula. Para acalmá-los eu dizia: “1, 2, 3...Era uma vez...” e contava uma história. Eles ficavam quietos e atentos. Depois que esgotei as histórias que eu sabia, comecei a inventar. Eles gostavam e pediam: “Conta novamente!” Ao recontar a história, eu incluía outros elementos e eles diziam: “Não foi bem assim que a senhora contou ontem.”

Então passei a escrever as histórias. Em 1986 participei do concurso Histórias para a Infância Catarinense, promovido pelo Governo de Santa Catarina e fui classificada com a história *Miguelito Pirulito*. Foi meu primeiro livro distribuído nas

creches e jardins de infância do estado numa coleção de 11 livros de diversos autores.

Mais tarde, tive os livros *Cri-Cró* e *Retetéu* publicados pela editora Eko de Blumenau.

Com a editora Movimento e Arte foi publicado *Serelepe*.

Tenho 76 histórias infantis publicadas pelo Jornal A Notícia nos espaços: Ciranda das Letras, Anexo e AN Escola.

Participo com poesias e histórias da revista A Ilha, editada por Luiz Carlos Amorim, há mais de vinte anos.

Tornei-me escritora para levar até as crianças o entretenimento e a emoção que a fantasia apresenta, pois ela é uma eterna companheira do homem em todas as idades.

Segue o depoimento de um pai, cujo filho Pedro leu a história do Cri-Cró. Disse-me ele: “Uma manhã vimos um grilo verde em nosso jardim. Eu ia matá-lo, mas o Pedro bem depressa pediu: Não mate, papai! Pode ser o *Cri-Cró*!”

Cri-Cró é a história de um grilo que fez muito sucesso entre as crianças. Teve uma edição de seis mil exemplares.

GEORGE POSTAI DE SOUZA



George Willian Postai de Souza é joinvilense, nascido numa sexta-feira, dia 13 de agosto de 1982, casado desde 2008 com Daniela Karina Bello Postai de Souza e pai de Enzo (2011) e Frederico (2014).

Graduou-se em Direito na Universidade da Região de Joinville (Univille-2006), com Especialização em Direito Previdenciário pelo Instituto Luiz Flávio Gomes (IFLG-2007), possuindo ainda Pós-Graduação em Direito Processual Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul-2009), Pós-Graduação em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade de Mato Grosso do Sul (Uniderp-2011) e Pós-Graduação em Direito Civil pela Universidade de Buenos Aires (UBA-2014).

Advogado com inscrição na OAB/SC sob o n. 23.789, foi Membro da Comissão de Ética e Disciplina da OAB Joinville no triênio 2010-2012, eleito Conselheiro da OAB Joinville no triênio 2013-2015 e atualmente é Membro do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB/SC para o triênio 2016-2018.

Vem publicando vários artigos e contos em jornais e revistas eletrônicas desde 1998, sendo autor dos livros “Vícios Redibitórios nos Contratos Imobiliários” (Rio de Janeiro: CBJE, 2009, 101p.), “A Aplicação Prática do Rito Sumário Após o Advento do Rito Sumaríssimo Pela Lei 9.099/95” (Rio de Janeiro: CBJE, 2010, 76p.), “Onze e Dezenove” (Joinville, publicação própria, 2012, 25p.) e “O Lado Hilário do Judiciário” (Joinville, Areia, 2016, 108 p.).

É também coautor dos livros “Antologia Poética” (Cabedelo, Vivara Editora, 2013, 267 p.), “Letras Associadas 2” (Joinville, Associação das Letras, 2015, 118 p.), “Letras Associadas 3” (Joinville, Associação das Letras, 2016, 124 p.) e mais recentemente “Estudos de Direito Latino Americano V”, a ser publicado ainda em 2016.

Foi eleito Membro Efetivo e Perpétuo da Academia Joinvilense de Letras em 2015, fazendo parte também da Associação das Letras desde 2014.

COMO ME TORNEI ESCRITOR

Deus, Buda, Alá, Krishna, Maomé, Jesus Cristo ou qualquer outra divindade. Alguém lá de cima. Ou debaixo, dos lados, por que não? Quem sabe o destino, o azar ou, vai saber, a sorte. Chame do que quiser, caro leitor.

Alguém (ou algo), ainda não sei dizer e talvez nunca saiba, não me deu o dom da oratória. Convenhamos: eu nunca fui bom em falar. E isso sempre foi uma fixação, porque eu tinha tanta coisa para falar. Tanta coisa para me expressar, tanta revolta para extirpar, que me via aprisionado sem poder me libertar disso.

E foi aí que, quando adolescente, comecei a escrever, num sentimento de liberdade, de pôr para fora o que parecia estar preso dentro de mim. Entre o deitar na cama e o adormecer, minha cabeça era um tal fervilhão de ideias e revoltas, que, não raras vezes, me levantava e escrevia numa folha de papel, guardando dentro de um livro – gesto que aprendi com minha mãe e que me proporciona hoje encontrar escritos antigos no meio de livros.

Também no colégio, principalmente nas aulas de literatura, me via empolgado com os escritos de autores famosos, rabiscava livros com minhas poesias, com pensamentos, enfim, com tudo que me passasse pela cabeça. Tímido, sabia que meu mundo era diferente dos demais, fazendo questão de esconder isso.

Até que um dia, influenciado por meus pais, resolvi não mais esconder aquela vontade de escrever, que se limitava ao meu quarto e meu colégio.

A primeira missiva pública foi em 1998, quando a montadora de automóveis Ford estudava se instalar em Joinville/SC ou em Camaçari/BA. Escolheu a última, como todos sabem. Mas na época havia grande discussão sobre a vinda da montadora e seus impactos, pois o receio de salto populacional e violência, aliados à falta de estrutura educacional e de saúde, iriam piorar a qualidade de vida.

Hoje obviamente esta discussão é inócua, tanto pela vinda de outras montadoras quanto pela referência que Joinville/SC se tornou no polo metal-mecânico.

Minha carta foi publicada no Jornal A Notícia, o que para um adolescente de dezesseis anos era uma grande conquista. Eu fui visto, enfim. Dos tantos livros que meu pai me recomendava – e eu os lia diariamente – acresci vocabulários que a maioria de meus colegas de mesma faixa etária sequer conheciam. Ali começou meu distanciamento da minha geração. Não parei mais, numa constante velhice literária.

Comecei a escrever cada vez mais cartas e textos, me tornando referência no colégio em que estudava, chegando ao ponto de ser citado para outros colegas de classe como exemplo. Escrevia poesias, contos e muitos projetos de livros – alguns dos quais já pus em prática, outros ainda a fazer.

Percebi que, de fato, esta é a única maneira de viver para sempre: escrever livros. Não há hoje outra forma de se perpetuar no tempo, por gerações e gerações, sem deixar gravado nas folhas suas convicções – estejam elas corretas ou não.

Na faculdade, as escritas só se aperfeiçoaram, de modo a elevar minha monografia à condição de livro ante a intensa e extensa pesquisa feita sobre o assunto escolhido. Sim, meu

primeiro livro! Uma alegria e um êxtase sem precedentes em minha vida. Enfim, imortal.

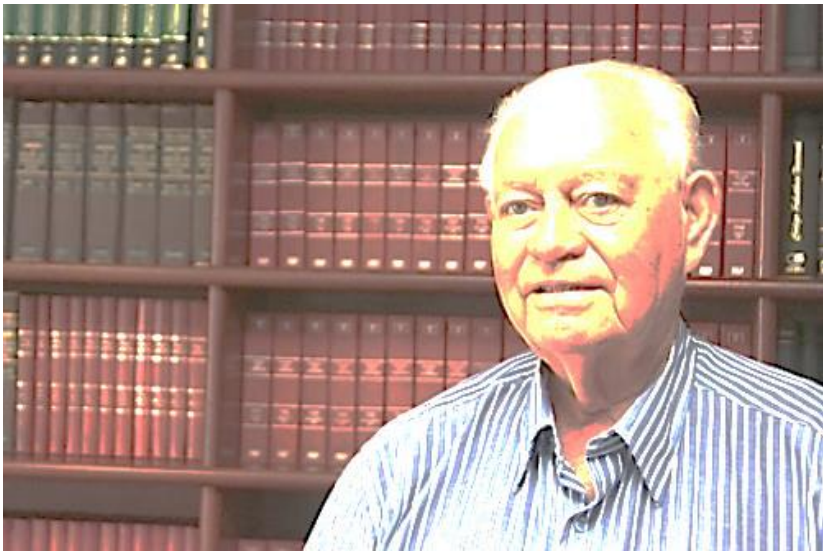
E aí não parei mais. Entre autorias e coautorias, já são oito livros e passei das três dezenas de artigos publicados. Das autorias, dois jurídicos, um de poesias e um de contos.

Atualmente estou escrevendo meu primeiro romance, baseado na história de uma família que conheci. Mas tenho outros projetos que às vezes vejo, penso, reflito e revejo conceitos. Parece que escrevo vários deles ao mesmo tempo, sem pressa de acabar. Meus projetos de livros, lá da época adolescente, ainda estão guardados na memória e nesses escritos.

A fase em que me vejo hoje torna mais complicado escrever, seja pelo ofício que exerço, seja pelos filhos pequenos. Mas não consigo ficar sem pensar em como colocar no papel uma história que ouvi, um pensamento que tive sobre determinado assunto, enfim, sobre tudo.

Afinal, como disse, o que deixamos escrito jamais se apagará.

CARLOS ADAUTO VIEIRA



Presidente da Academia Joinvilense de Letras de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Adauto Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).

Desde 1957, colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história.

É colunista de A Notícia desde 1958.

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof, e Carl Julius Parucker; da reedição da ‘História de Joinville’ de Carlos Ficker”; e de “Às margens do Cachoeira”, de Augusto Sylvio.

Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D’Olençer e Heliodoro Luiz.

Publicou quatro livros – “Aos Domingos, crônicas”; “Saborosas Estórias Curtas de Charles D ‘Olençer”; “Europa sem Programa”; e “Contos e Crônicas”.

Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da Ponte do Charlot, sobre o Rio Cachoeira, pela Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville.

COMO E PORQUE ME TORNEI ESCRITOR

De 1943 a 1949 fui aluno do Colégio Catarinense, mantido pelos Jesuítas. Estava no 1º. Científico e o professor de Física, durante uma aula, referiu-se a três colegas, os quais se vestiam sempre como mauricinhos e andavam juntos por toda a parte. Deu a entender que seriam viados.

Meu sentimento de justiça berrou e esculhambei o padre. Ele me mandou para fora da aula. Desafiei-o a me tirar da classe, se fosse homem. Ele mandou um puxa-saco chamar o Padre Prefeito. Este veio e me mandou diretamente para o Padre Diretor, que não estava no gabinete, mas no orquidário.

Fui até lá. Encontrei-o ao fundo, admirando uma belíssima flor. Aproximei-me tremendo de raiva e de medo do castigo. Comecei a explicar o que houvera e coloquei desajeitadamente a mão na haste da flor. E, no treme-treme, quebrei a haste. Ele me olhou como se tivesse visto Satan, sentiu até o cheiro de enxofre. E com a voz calma e meio rouca me disse: *Pode ir para casa e diga aos seus pais que o senhor não será matriculado conosco no ano que vem.*

Era o máximo de castigo. Floripa só tinha aquele colégio masculino. Onde iria estudar? Mas, no caminho de casa, bolei uma solução: diria que estava com vontade de fazer o exame para a EPPA (Escola Preparatória para a Armada, em Porto Alegre. E, realmente, estudei três meses, fiz o exame intelectual, passei e fui refugado, porque era daltônico. E agora? Pedi a S. Judas Tadeu, de quem era devoto, uma solução. Ele deu. Naquele ano funcionaria o Colégio Estadual Dias Velho, à noite, com os cursos científico e clássico. Matriculei-me com urgência e fui

muito bem recebido pela Diretora D. Antonieta, minha ex-professora no primário em sua escola particular.

Encerradas as matrículas, ela convocou todos os alunos para uma sessão no Salão Nobre, onde nos daria as boas vindas, explicaria algumas regras de conduta e mandou fazermos uma redação sobre ‘LIBERDADE’. A minha foi uma catarse contra os jesuítas sem os mencionar. E ela achou a melhor de todas. E me felicitou e convidou para ir ao seu gabinete. Nele, disse-me que eu tinha talento e deveria continuar a ler *e escrever*.

É o que estou fazendo desde então.

E ela, como professora e cronista (Maria da Ilha) me ajudaria. Realmente, devo a ela o impulso e lhe fui sempre grato como demonstrei em uma série de crônicas que escrevi a seu respeito; e como influenciei a Assembleia Legislativa Catarinense a criar o Prêmio Deputada e Professora Antonieta de Barros.

WILSON GELBCKE



Wilson Gelbcke nasceu em São Paulo, em 1933, radicando-se em S. Catarina no ano seguinte. No campo da Comunicação, em Curitiba, criou departamentos de propaganda para as empresas Ancora (1953) e Madison (1956), voltando para Joinville em 1962, contratado pela Indústria de Refrigeração Consul (hoje Whirlpool), para gerenciar os departamentos de Propaganda e Comunicação Social.

Em 1992, foi para São Paulo como Assessor de Comunicação Corporativa de todo o Grupo Brasmotor. Fez cursos de Marketing e Planejamento de Produtos, inclusive nos Estados Unidos, pela Whirlpool. E aposentou-se em 1994, passando a se dedicar à literatura e artes plásticas.

O primeiro livro de W. Gelbcke foi "A Máscara de Capelle", em 1997. E não mais parou de escrever romances, livros juvenis, contos, poemas e biografias... num total de 17 obras.

*- Romances: A Máscara de Capelle, Vindita do Historiador, A Terceira Moeda, Ás de Ouros no Mundo da Comunicação.
- Juvenis: Esses Duendes Tão Míopes, Por um Rio Você Pode Fazer Milagres, Quatro Anjos e Quatro Destinos.*

*Contos e Poemas: Causos de Minha Cidade, Receita Para o Amor.
Biográficos: Primavera em Pleno Verão, Reflexões ao Longo de uma Vida, Sangue Suíço...Coração Brasileiro, Do Cantão para Joinville, Obras de F.Frick na Catedral da Sé, Fascinante Viagem pelo Mundo, 60 anos do CEAJ, Tudo por Joinville.*

É também membro da Associação das Letras, Confraria do Escritor e da AAPLAJ - Associação de Artistas Plásticos de Joinville.

COMO E POR QUE ME TORNEI ESCRITOR

Sempre gostei de desenhar e, ainda garoto, já fazia histórias em quadrinhos por puro diletantismo... Criando heróis como Capitão Audaz, Texas King e outros, caprichando nos enredos.

A vontade de escrever começou cedo, lá por 1950 aos 17 anos de idade e aproveitando os finais de semana, pois naquele tempo em Joinville, o meu dia era para trabalhar e pagar estudos de contabilidade à noite.

Enquanto trabalhava, fiz um curso de desenho artístico e comercial por correspondência – Instituto Universal Brasileiro – onde aprendi anatomia para as artes plásticas e disciplina para os anúncios comerciais.

Em 1952 fui buscar novos caminhos em Curitiba, onde aquele curso de desenho muito me ajudou, deixando de lado alguns meses trabalhando como Técnico em Contabilidade e passando a ser vitrinista, dando início a minha carreira publicitária.

Foram dez anos me aperfeiçoando em propaganda nas empresas Ancora Comercial e Madison, procurando sempre criar bons anúncios escritos e desenhados até ser convidado voltar a Joinville, em 1962, para gerenciar a área de propaganda e marketing da Indústria de Refrigeração Consul S.A. - atual Whirlpool S.A.

Já no primeiro ano eu lançava o Informativo Consul mensal, onde a parte redacional era muito exigida e despertando-me para a vontade de escrever, de contar, de transmitir ideias, de falar com pessoas através de textos bem elaborados.

Para tanto... Importante era ler! Romances de Morris West, Sidney Sheldon, Agatha Christie, Jorge Amado... E sentia dentro de mim o desafio de escrever também um romance.

Anos e anos trabalhando numa empresa e desenvolvendo tecnologia, me levou a pensar: O que aconteceria ao fechar os olhos e só abri-los após 25 anos?

O avanço do design, da moda, dos transportes, da informática, da comunicação... Suficientes para deixar um personagem incrédulo. Era a história que eu queria escrever.

O herói da história seria mantido em criogenia e acordaria 25 anos depois. O que ele ganharia? O que perderia? A história precisava de ingredientes e temperos certos como amor, ódio, suspeita... Depois de desenvolver o enredo e criar personagens, cheguei a 110 páginas. Li e reli. Era muita ficção, muita fantasia. Criogenia e voltar a viver? Bobagem... E as 110 páginas foram parar num velho baú de minha avó e lá dormiram por seis longos anos.

Um dia, ao procurar uma foto antiga, abri o baú e vi aquele fardo amarrado de papéis. Ali mesmo, sentado no chão ao lado do baú, voltei a ler o que eu havia escrito.

– Você é um idiota – disse para mim mesmo – A história é boa e só está faltando o tempero certo. Por que não termina o que começou?

E a criogenia foi substituída por... Leiam o livro!

Surgiram novos personagens e o número de páginas passou de 110 para mais de quatrocentas. Depois do livro pronto, assisti ao filme "Eternamente Jovem" com Mel Gibson. A

história de alguém colocado numa urna de criogenia e que acorda vinte anos depois.

Eu não estava totalmente errado... Aprendi que era preciso acreditar e lutar para vencer!

Como escritor tardio, em 1997, aos 64 anos de idade, lancei meu primeiro livro "A Máscara de Capelle" e não mais parei de escrever.

Um livro a cada ano, num total de 17 livros, entre romances, juvenis, poesia e importantes biografias.

MILTON MACIEL



O acadêmico Milton Maciel, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional, músico e compositor, é gaúcho da fronteira com o Uruguai.

Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor; e quatro anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para viver no ano de 2003. No período 2007-2014 residiu e trabalhou nos Estados Unidos como conferencista, escritor e ghost writer.

Tem, até o momento, 36 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol e agricultura orgânica.

É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville, da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da Romance Writers of America.

É criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”. E diretor da Escola Brasileira do Escritor, de São Paulo.

Atualmente é o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019.

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/milton.maciel1>

<https://www.facebook.com/escritorpublicavel>

e-mails: miltmaciel@gmail.com

delphos09@yahoo.com

mo.maciel@terra.com.br

COMO E POR QUE ME TORNEI ESCRITOR

Como? Muito fácil responder. *Tornei-me escritor no exato dia em que me tornei leitor. Eu tinha 4 anos e meio.*

Minha santa Tia SANTA chegou logo depois do almoço com um presente para mim. Colocou-me no colo e abriu-o. Era uma caixa, no interior da qual havia um monte de pecinhas de madeira, com símbolos coloridos impressos. Eram LETRAS. O presente era um *abecedário!*

As 3 horas seguintes ela passou-as me ensinando a ler e formar palavras. Quando ela foi embora, eu não conseguia mais parar de formar palavras. Porque eu precisava de novas palavras para poder ler! Então foi assim: como não havia mais ninguém disposto a me dar palavras feitas para eu ler, eu mesmo tive que ir formando palavras na base da tentativa e erro.

Isso quer dizer que, ao encostar um quadradinho no outro e no outro e no outro, tentando formar palavras para ler, eu estava começando a ESCREVER! Foi tudo no mesmo dia.

O escritor estava nascendo ali, pois *a alfabetização precoce que minha tia me proporcionou fez de mim um LEITOR ávido.* O resto do tempo eu passava atrás de coisas para poder ler. E infernizando os adultos para me ajudarem na busca. Funcionou. Mais: definiu a minha vida!

Quando entrei na escola, aos 6 anos, eu já sabia ler há muito tempo. Enquanto a professora ensinava aquele enfadonho bê-á-bá à classe, eu lia e decorava páginas inteiras das cartilhas,

por causa da repetição. Meus colegas liam aos tropeços, eu lia velozmente, “de carreirinha” como eles diziam.

Então veio minha segunda benfeitora: ELVIRA, nossa professora no 3º ano fundamental. 80 anos, cabelo branquinho em coque, alta, sorridente; aposentada e firme ali no posto. Tomou-se de amores por nossa turma. Nós não passamos para o 4º ano e para outra professora. ELA passou para o 4º ano conosco!

E Elvira fez comigo uma coisa maravilhosa: ele me deixava cabular as suas aulas! Isso mesmo. Nosso acordo tácito funcionava assim: eu começava a assistir a aula, pedia para ir “lá fora” e ficava mais de uma hora sem voltar. Malandreado?

Não, ela me dava a chave da pequena BIBLIOTECA da escola e eu tinha aquela sala mágica toda só para mim! Começava sempre com uma revista em quadrinhos, depois pulava para os livros: Francisco Marins, Monteiro Lobato... e aí me aventurava num livro *difícil*. Robinson Crusóé foi o primeiro, lembro bem.

Depois eu voltava para a classe e acompanhava o resto da aula. Um colega me dava o caderno dele para copiar o que eu havia perdido. E eu deixava que ele colasse de mim nas provas. Elvira sabia disso e consentia. Aos 80 anos, estava um século à frente do seu tempo, seria pedagogicamente moderna ainda hoje.

Graças a Elvira, durante 2 anos eu tive acesso a centenas de livros e revistas que certamente minha família não iria comprar para mim. Não poderia! E, como eu tinha pouco mais

que uma horinha escassa para ler ali, aprendi a ler rápido. A dor ensina a gemer.

O germe do escritor estava inoculado, porque você não pode ser um escritor se não for, antes, um bom leitor. Um *grande* leitor! Minhas redações tinham sempre nota máxima, é óbvio; e eu me dei bem demais com a gramática a partir disso. A coisa toda foi tão bem que Elvira e a diretora da escola deram um jeito de me fazer PULAR a 5ª série e entrar direto na 6ª, que na época dizia-se primeiro ano do ginásio. Eu não tinha a idade mínima necessária, mas o diretor do ginásio tinha sido um namoradinho da minha mãe quando eles tinham 11 anos, então...

Nesse momento entra mais um benfeitor em minha vida; Seu MADUREIRA. Um português sessentão, dono da única banca de revistas da cidade. Eu estava com 10 anos e meu irmão com 12. Vivíamos lendo as revistas que ficavam expostas na vertical, na parede externa da banca. Dinheiro para comprar... nem pensar. Pois esse homem notável foi sensível à nossa condição. Não só nos dava algumas revistas, como fez uma coisa notável, *que mudou nossa vida para sempre*.

Ele arrancava as capas das revistas americanas *Time* e *Life*, que nos dava para ler. Em inglês! Devolvia as capas rasgadas para a distribuidora, provas de que as revistas chegaram danificadas pelo transporte, e recebia revistas novas. Mas havia uma condição para recebermos nossas revistas em inglês todas as semanas: nós tínhamos que ser capazes de traduzir as legendas das fotografias que ele escolhia.

Então conseguimos que em casa nos comprassem um dicionário e pronto! Meu irmão e eu nos tornamos bambas em

inglês na marra. Minha mãe MARIA percebeu isso e com muita sensibilidade nos ofereceu uma professora particular de inglês. Não tivemos interesse. Mas ela me levou assim mesmo, só para que eu conhecesse a professora. Pra que!

MARIA HELENA, era o nome dela. Novinha, recém-casada, uruguaia e... com umas PERNAS que Deus do Céu!

Usava saias curtas para a época, sabia muito bem onde estava o seu forte. E eu, que não estava a fim de aula particular de inglês, me apaixonei à primeira vista pela professora... Não, de jeito nenhum, pelas PERNAS da professora! E para ter o privilégio de olhar aquelas perfeições duas vezes por semana, me atirei feito um louco em cima de livros de inglês. Pouco depois, meus colegas no ginásio me colocaram um apelido: *o americano*.

A paixonite durou pouco, menos de 6 meses. Mas me deu a base que me faltava em meu inglês autodidata. Então deixei as aulas da professorinha, mas já levava pronta a tal base, que haveria de me valer tanto no futuro, nos estudos de engenharia química e, depois, na vida profissional nos Estados Unidos. Fui publicado inúmeras vezes em inglês, durante anos. Até no New York Times e no Asian Times, de Hong Kong.

Graças à cabeça calva de um português e às pernas roliças de uma uruguaia. Que teria sido de minha vida profissional, tanto na área tecnológica, como na de literatura, sem o inglês?

E foi esse o meu começo.

Devo aduzir que nasci num lugar privilegiado, uma cida-

de única que pertence a dois países: Rivera, o lado uruguaio, Santana do Livramento o lado brasileiro. Não existe fronteira. Um traçado irregular de ruas não nos separa, nos une. Ali todos falam português e todos falam espanhol, sem sotaque.

Tive ainda mais sorte: Meu pai brasileiro, minha mãe uruguaia, minha avó neta de franceses. Aprendi os três idiomas em casa, na infância, sem gastar um tostão. Um dia eu iria morar num lugar onde todos os meus idiomas são falados diariamente e nesta ordem: primeiro espanhol, depois inglês, português e francês. Miami, a maravilhosa capital dos *Estados Unidos da América Latina* (USLA, *-iu-éss-él-ei*, como apelidei esse ‘país’).

Aprendi bem a minha lição. Anos depois, quando fui pai, ensinei meus filhos a ler com 3, 4 e 4,5 anos. Eles foram sempre primeiros lugares na escola, como tinha acontecido comigo.

Inteligência? Genética? De jeito nenhum! Apenas nós todos *aprendemos a ler antes dos outros*, aprendemos a ler quando *qualquer criança* pode aprender a ler. Isto é, na hora certa e não TARDE DEMAIS, como impõe o nosso sistema há séculos. E saltamos à frente no tempo (Veja, nesse mesmo sentido, neste Suplemento, os testemunhos de Hilton e de Else).

Aos 17 anos tive minhas primeiras poesias publicadas em revistas e jornais de Porto Alegre. E, entusiasmado com o piano, decidi seguir carreira de pianista clássico. Mas passei no vestibular de engenharia química logo depois e não tive coragem de dar esse desgosto – ser músico! – à minha mãe recém-viúva.

Aos 19 e meio casei. Aos 21 fui pai pela primeira vez. Adeus ao piano! Daí em diante, só escrevi e publiquei coisas

técnicas, da área de instrumentação científica para análise química. E mudei para São Paulo aos 28 anos. Nada de carreira literária! Mas em compensação, graças a Deus, formei um filho *músico!*

A guinada seguinte veio muitos anos depois, quando passei quatro anos no Nordeste, já totalmente envolvido com a Agricultura Orgânica e vindo a ser Secretário de Agricultura. Ali desenvolvi a base dos 14 livros e manuais técnicos de Agricultura que escrevi e publiquei, tanto em Maceió, quanto no Sul, quando da minha volta. Mas o que eu não sabia naquele momento é que eu voltava grávido de Nordeste, de um povo que aprendi a amar e respeitar profundamente. Era o ano de 1999.

Eu ainda não sabia, mas ali tinham nascido os meus dois primeiros romances, que só cheguei a escrever em 2008, já em Joinville e em Miami. Eram romances sobre prostituição infantil e pistoleiros de aluguel. Escrevi os dois em 90 dias. Era minha estreia na ficção. Foi uma explosão.

E então a grande revolução chegou: em 2006, via Universidade de Boston, começou meu tempo de escritor e conferencista internacional na área de biocombustíveis. Foi quando, a partir de 2007, fixei-me em Miami Dade (Aventura) e passei 7 anos vivendo lá e sacolejando na ponte aérea para São Paulo e Joinville algumas vezes por ano.

Posso dizer que foi ali que surgiu a fase final e *mais importante* da formação do escritor. Eu tinha, de repente, muito tempo disponível entre uma conferência e outra, entre uma viagem e outra a New York e a Los Angeles. Então comecei a fazer curso após curso para escritores, para editores, *screen*

writers, travel writers e de marketing direto de livros. Foram 49 cursos, seminários e retiros em 7 anos. Continuo fazendo-os sem parar até hoje, agora online (*agora mesmo, feriado de 2/11/17, acabo de acompanhar, durante duas horas e meia, pelo quarto dia consecutivo, o CONALER, um congresso de escrita e leitura online, com 5 dias de duração. Termina amanhã*).

Em Miami, morando só num enorme apartamento à beira do Lago Maule, sem nada para me distrair, eu estudava e escrevia como um possesso!

Em 2014 voltei para o Brasil em definitivo. No meu computador eu trazia 12 livros que escrevi em Miami e publiquei no Brasil imediatamente. Já como meu próprio editor e como meu próprio livreiro. E trazia o curso para escritores que formatei lá, o “*The Publishable Writer*”, resultado de todo o meu aprendizado nessa área. Hoje o curso existe em São Paulo, com o nome “O Escritor Publicável”, dentro da novíssima Escola Brasileira do Escritor, no Ipiranga.

Agora estou no 36º livro publicado: meu 10º romance, “*A Guerra de Jacques*” que comecei a escrever como *ghost writer*, até meus clientes me pedirem para aparecer como coautor, acaba de ser lançado. Afora esses 36, tenho mais 9 livros na maravilhosa carreira de escritor fantasma – o *ghost writer* – onde meu nome não aparece na capa. 6 romances no Brasil, 3 livros técnicos nos EUA.

2017. Doravante tomei como missão, para todos os anos que me restarem de vida, o trabalho de formar escritores e facilitar a vida deles. Quer com a Escola Brasileira do Escritor, quer como dirigente de agremiação de escritores, quer como

autor, quer como descobridor e orientador de escritores no nascedouro: meninos e meninas do ensino fundamental, médio e universitário.

Por um tempo estou deixando de escrever ficção minha e me dedicando somente ao grande projeto de produzir a série ‘*Como Escrever Ficção*’, em 9 volumes. Os dois primeiros já estão prontos, os outros 7 em diferentes estados de gestação, porque eles são, estranhamente para muita gente, criados todos mais ou menos juntos. Observando o nome dos títulos (volumes com 200 a 280 páginas cada), é possível entender por que razão, ao escrever um deles, os outros afloram simultaneamente: “A Arte e a técnica do romance”, “A Arte e a técnica do enredo”, “A Arte e a técnica do personagem”, “A Arte e a técnica do diálogo”, “A Arte e a técnica de narração e descrição”, “A Arte e a técnica do conto”. “A Arte e a técnica do cenário” E mais: “Produção e comercialização do livro físico e do e-book “. O último é a joia da coroa: “Mercado internacional para o escritor lusófono”.

Em 2015, ingressei como acadêmico titular na Academia Joinvilense de Letras. Um ano depois, em 2016, elegeram-me presidente da academia para o triênio 2016-2019. Portanto, mais do que nunca, estou comprometido até à raiz dos cabelos com a causa e a formação dos escritores; e com a prestação de serviços culturais à comunidade e ao país.

Então... *como e por que me tornei escritor?* Ora, por TUDO isso que acabo de relatar. Até hoje. Ou seja, ***ainda estou me tornando***. É uma história sem fim!

Pois, afinal, não é somente uma questão do como e por que, mas também uma questão de ***sobre o que*** você escreve!

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

PROGRAMAÇÃO DE AGOSTO DE 2017

8, terça, 20 hs – Sessão ordinária e café acadêmico
Na sala de reuniões, 3º andar

10, quinta, 19:30 hs – FESTA VERMELHA, em homenagem ao acadêmico David Gonçalves, pelo conjunto da obra e lançamento de seu novo romance PÉS VERMELHOS. Coquetel. Na Sala Mozart, 2º andar

24, quinta, 19:30 hs – Sessão solene de Posse dos acadêmicos Marcelo Lufiego e Joel Gehlen. E do sócio correspondente Enéas Athanázio. Coquetel. No Salão Nobre, 2º andar

26, sábado, 9 às 17 horas – Oficina de Poesia, com o acadêmico Milton Maciel. Para escritores e interessados em geral. Estudantes e professores têm entrada franca. Na sala de aula, 3º andar. Inscrições prévias pelo e-mail delphos09@yahoo.com

Oficina de Poesia - sábado 26/8 9-17 hs
Milton Maciel
Sociedade Harmonia Lyra – 3º andar
Promoção conjunta: ACADEMIA – ASSOCIAÇÃO – CONFRARIA

Será que o que você escreve é POESIA?
CONHECER para CONTESTAR !
Desde o verso grego clássico, passando por todas as escolas, até chegar à poesia contemporânea e à música popular. Como criar POESIA na prática.

ENTRADA FRANCA para estudantes e professores
R\$ 30,00 para as demais pessoas

CHICO BUARQUE

**Sei/ que há/ mui/tas/ vi/las/ gran - des,
Ci/da/des/ que e /las/ são/ di - tas;
Sei/ que há / sim/ples/ ar/rú/s - dos,
Sei/ que há / vil/las/ pe/soas/ri - nas,
To/das/ for/mas/ do um / ra/sá - no
Cu/las/ con/tas/ fos/sem vi - las,
De/ que e /es/tra/das/ fos/se a/ li - nha.**

CHICO BUARQUE

MRRR: Metro – Ritmo – Rima – Verso Livre
CAETANO VELLOSO
Quem do su / te um / cel/ral/tran/ te a /fran/ta / não/ vi o/ mau /tas - to
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Chalm/ del mau/ gos/ to o/ que/ vi/ del mau gos/ta/ mau/ gos - to
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
E/ que/ Nar/cil/ so a /cha/ fo/ to o / que/ não é / es/pe - lho
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 MILTON MACIEL